Política externa

Ao lado de Macron, Lula critica veto a candidata de oposição na Venezuela

FELIPE FRAZÃO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou abertamente pela primeira vez o processo eleitoral na Venezuela, uma inflexão no apoio do brasileiro a Nicolás Maduro, e disse que a situação no país vizinho "é grave". A expressão foi repetida pelo presidente da França, Emmanuel Macron, que concluiu ontem uma visita de três dias ao Brasil.

Até o início da semana, Lula vinha enviando gestos de apoio e votos de confiança a Maduro. O desgaste político, no entanto, teria feito o presidente mudar de direção. A gota d'água parece ter sido o veto à inscrição da opositora Corina Yoris, sem qualquer explicação.

Ontem, questionados pelo Estadão, em entrevista coletiva, Lula e Macron colocaram em dúvida se a eleição venezuelana de 28 de julho está ocorrendo de fato em um ambiente democrático. Lula, pela primeira vez, adotou uma posição crítica sobre o tema.

"É grave que uma candidata não possa ter sido registrada sem ter sido proibida pela Justiça", afirmou o brasileiro, em referência a Yoris, que substituiria María Corina Machado, favorita na disputa contra Maduro, mas impedida pelo regime de concorrer à presidência.

Para Lula, a inabilitação de María Corina não é o maior



Macron e Lula no Palácio do Planalto, em Brasília: críticas ao processo eleitoral da Venezuela

problema. O presidente brasileirovoltou a lembrar que indicou outro candidato (Fernando Haddad) quando foi impedido de disputar a eleição, em 2018. Ele elogiou María Corina por ter feito a mesma coisa ao escolher Yoris. A surpresa, segundo Lula, foi constatar que nem mesmo a substituta conseguiu o registro.

"Ela se dirigiu ao local, tentou usar o computador e não conseguiu entrar", afirmou Lula. "Então, houve prejuízo a uma candidata que por coincidência leva o mesmo nome da que havia sido proibida. Não tem explicação política e jurídica proibir um adversário de ser candidato." Macron emendou: "Não nos desesperemos, mas a situação é grave e piorou com esta última decisão."

> Críticas Situação na Venezuela é 'grave', segundo Lula e Macron, em referência à eleição de julho

O presidente francês também criticou o processo eleitoral. "O marco em que essas eleições estão ocorrendo não pode ser considerado democrático", disse Macron. "Vamos fazer de tudo para convencer Maduro a reintegrar todos os outros candidatos e ter eleições mais transparentes, com observadores internacionais. Condenamos a retirada de uma candidata do processo e espero que seja possível alcançar um novo marco nos próximos meses."

CRISE. No início da semana, a diplomacia brasileira havia divulgado uma nota criticando o desenrolar do registro de candidaturas e o impedimento de Yoris. O texto, segundo assessores e funcionários do Itamaraty, foi elaborado pelo chance-

ler, Mauro Vieira, e pelo assessor especial, Celso Amorim, com a aprovação de Lula.

A nota do Itamaraty expressava preocupação com a eleição eapontava que o veto a opositores é incompatível com o compromisso assumido por Maduro de realizar uma votação livre e justa. O texto, contido, reiterava o repúdio brasileiro às sanções dos EUA.

Imediatamente, o chavismo reagiu e criticou o Itamaraty – embora poupando Lula. Em nota, o chanceler da Venezuela, Yván Gil, classificou a nota de "intervencionista, redigida por funcionários da chancelaria brasileira, mas que parece ter sido ditada pelo Departamento de Estado dos EUA".

CANDIDATOS. Ajanela para inscrições de candidatos na Venezuela se encerrou à meia-noite de segunda-feira. Ao todo, 13 pessoas conseguiram o registro, incluindo Maduro e alguns opositores, como Daniel Ceballos, ex-prefeito de San Cristóbal e ex-preso político.

O governador de Zulia, Manuel Rosales, que apoiava María Corina, se registrou no apagar das luzes, segundo ele, "para não deixar Maduro concorrer sozinho". No fim, após concessão do regime, que estendeu o prazo de inscrição, o grupo que apoia Yoris inscreveu o diplomata Edmundo Urrutia, na esperança de conseguir substituí-lo após 1.º de abril, em uma brecha da lei eleitoral. •

A viagem de Macron

Acordos, selfies na Paulista e jantar com celebridades

BRASÍLIA

O presidente da França, Emmanuel Macron, enfrentou uma maratona de três dias por quatro cidades brasileiras – Belém, Rio, São Paulo e Brasília – e volta para casa com um respiro na imagem, acordos assinados e promessas de parceria estratégica com ogoverno de Luiz Inácio Lula da Silva.

Macron chegou ao poder em 2017, após experimentos fracassados nos dois espectros políticos: o conservador Nicolas Sarkozy, considerado muito duro e intransigente, e o socialista François Hollande, tido como fraco e pouco atuante – Sarkozy acabou condenado por corrupção e Hollande terminou o mandato com menos de 5% de aprovação.

Tido como um político de centro - "nem de direita, nem de esquerda", segundo sua campanha –, Macron acabou virando alvo tanto de nacionalistas de extrema direita quanto de esquerdistas radicais.

POPULARIDADE. Às vezes falando um francés rebuscado de mais, outras vezes beirando o vulgar, Macron tem vivido às turras com o eleitor, com uma popularidade em torno de 30%, segundo as últimas pesquisas. No Brasil, porém, ele viveu momentos de popstar: conversou com lideranças indígenas, jantou com celebridades e tirou selfies com o povão na Avenida Paulista.

Ao voltar para a França, Macron leva na mala mais do que a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, a mais alta condecoração brasileira atribuída a cidadãos estrangeiros, que ganhou de Lula. O francês assinou no Brasil mais de 20 acordos, entre eles um entendimento para a criação de um centro de pesquisas da biodiversidade amazônica e um compromisso de cooperação jurídica entre os dois países em matéria penal.

INVESTIMENTOS. No Rio de Janeiro, o presidente francês defendeu a cooperação tecnológica como Brasil para o desenvolvimento do primeiro submarino nuclear da América Latina, um sonho antigo da Marinha brasileira.

Macron e Lula também avançaram em uma parceria estratégica, que inclui a cooperação entre o Parque Amazônico da Guiana Francesa e o Parque Nacional das Montanhas de Tumucumaque, no Amapá e no Pará, além de anunciar um programa que pretende investir R\$ 5,4 bilhões na bioeconomia da Amazônia brasileira e da Guiana Francesa.

Os investimentos devem ser direcionados principalmente para ações de conservação e manejo sustentável das florestas, planejamento e valorização econômica do ecossistemas e áreas florestais, uma pauta ambiental que se encaixa na agenda de Macron, na França e na União Europeia. •

CCOT PRESSENDENT AND DISTRIBUTED BY PRESSENDEN COPPRISE AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW